

SUPLEMENTO
HUMORISTICO DE

O SEculo

Propriedade de L. DA SILVA GRACA, Limit.

Dirêtor: ACACIO DE PAIVA



EDITOR: ALEXANDRE AUGUSTO RAMOS CERTÃ

REDAÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS - RUA DO SEculo, 43 - LISBOA

BOM MEDICO E BOM AMIGO



- Quanto lhe pagaste pela operação?
 - Trezentos escudos.
 - Que barbaridade! Por esse dinheiro cortava-te eu os dois braços!

PALESTRA AMENA

Indumentaria, assucar,
obras publicas, etc.

Hontem, domingo, a meio da tarde, fui sentar-me á janela de uma sala da minha casa, que fazendo esquina para uma das ruas da parte mais alta da cidade, permitia, ainda não ha muito, o disfruto de um pedacinho do Tejo com suas aguas azues e velas latinas de fa-luas palpitando e um trecho de pano de fundo—a faixa montanhosa da Outra Banda. Fui sentar-me á janela julgando que ia gosar esse parco recreio de outros tempos. Mas quando ergui os olhos deparei com uma bisarria inestetica, quadrada, bruta, vulgarissima—um casarão de tijolo e telha de Marselha que a caranguejeira obra publica está levando a efeito na antiga cerca dos Caetanos.

Para muito dá o nosso dinheiro e a muito chega a nossa paciência, pensei. Esta obra a que eu assisto atonito ha sete anos e se arrasta com uma preguiça que desespera, deve ter custado mais de um milhar de contos. O', muito mais! Tem estado aqui legiões de trabalhadores, cavando, esburacando, caboucando, erguendo esta enorme mole de pedra para que lá dentro Talia vá preparando *divettes* para o sr. Luiz Galhardo e tragicas para o sr. Lino Ferreira e para que eu perca uma das pouquissimas coisas que apreciava e me era dado fruir n'esta casa—um pouco de paizagem.

A enormidade d'isto! Quem atenta n'esta obra chega a julgar que todas as criaturas nascidas em Portugal vieram ao mundo para serem comediantes ou cantores. E' uma coisa estupenda!

Mas o que mais me dá no goto é a abegoaria que se eleva na cerca. Para que demonio será aquilo, Senhor Deus de Misericordia? perguntava eu, quando surdiu das profundezas do desconforme edificio um homem—guarda ou coisa parecida. Como bom visinho, cumprimentou. Correspondi e logo inquiri: para que era, a que se destinava aquele edificio suplementar. E o bom homem explicou prontamente: o edificio destina-se ao guarda-roupa. E' para o sr. Castelo Branco, que vai ensinar indumentaria no Conservatorio, guardar o seu opulento guarda roupa n'um edificio do Estado. E' para ele talhar, alinhar, coser, provar e faturar as v stosas farpelas que hão de vestir as artistas e as coristas das aristofanescas peças *Toma lá pinhões e Queres mais figos?*

E eu que ia dizer mal da vida porque me tinham roubado o meu trecho de rio, conformei-me e, aqui para nós, cheguei a aplaudir e a dar por muito bem empregado o meu sacrificio. Tudo aquilo era para um guarda-roupa. Estava certo. Está certo. E' logico. N'esta grande entrudada fazia realmente falta um guarda roupa colossal. . .

Estou a lembrar-me do *Guia de Conversação* do Bensabat:

—Tem v. as minhas botas?

—Não. Mas tenho o binoculo de sua tia.

Aplicando o conto:

—Tem v. assucar?

—Não, mas tenho a indumentaria do sr. Castelo Branco.

—Não tempera chá mas é uma consolação.

João Ripanso.

Pintura a oleo

A sr.^a D. Luiza de Sousa, nas suas *Notas de arte*, publicadas n'um jornal da noite, dá conselhos a varios aprendizes de pintura, sobre o modo de empregar as tintas.

Estamos de acordo com a illustre senhora em tudo quanto expõe, excepto na parte em que diz que «quantos mais planos *houverem*, maiores e mais sensíveis serão os contrastes na applicação da tinta.»

Artisticamente, está certo, mas gramaticalmente falando é asneira—salvo o respeito devido ás damas.

NA PATRIARCHAL



Os dois andam jogando o arco.

Joãozinho á Micas:

—Quantos anos tem?

—Oito.

—Não acredito. Todas as mulheres falam a verdade n'isso de idades.

Menina precoce

—Mãã, ajuda-me a traduzir isto do inglez.

—Mas, minha filha, eu não sei inglez.

—Ai, não! Sim senhor, deram-te uma linda educação, não ha duvida!

A lei da guerra

Não temo a guerra nem os seus horrores. Em luta andamos nós desde nascença, O que passo a mostrar, se der licença O meu milhão e meio de leitores.

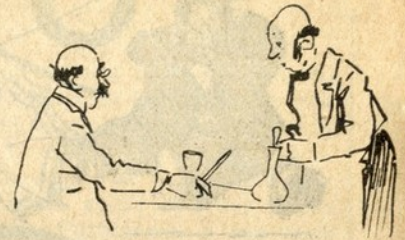
Luta no circo os fortes lutadores, Com a falta de assunto luta a imprensa, Luta o enfermo com a vil doença Que lhe enche os membros de terríveis dores.

Luta o camponio desbravando a serra, Luta no mar revolto o marinheiro Ancioso por chegar e por vêr terra.

E até eu, que não sou politiquero Nem tenho industria necessaria á guerra, Luto, ás vezes, com falta de dinheiro.

BRAMÃO D'ALMEIDA.

No restaurante



—Que deseja?

—Meio bife á ingleza. Mas com muitas batatas porque sou vegetariano.

A mobilisação das bestas

Nas noticias ácerca da mobilisação dos quadripedes para o exercito, transparecem louvores, por tudo ter decorrido na melhor ordem. Não nos surpreendeu o caso: os donos dos animais são, como era de supôr, bastante patriotas, para se oporem a uma medida necessaria e justa; quanto aos mobilisados, ai vai uma anedota conhecida, mas muito a proposito.

Um aldeão foi á feira da cidade proxima, montado no seu jumento, e no regresso, noite velha, teve de atravessar um pinhal mal afamado, porque frequentes vezes os salteadores ali atacavam os viandantes.

Efetivamente, a meio do pinhal, o aldeão percebeu que era perseguido e começou a dar com os calcanhares na barriga do animal, gritando:

—Arre burro!

Mas este, como que para arreliar o dono, parou de subito.

—Arre, burro! repetiu o aldeão. O'ha que veem lá os ladrões e roubam-te!

Então o jumentinho (isto passou-se no tempo em que todos os burros falavam) formulou esta pergunta:

—Oíça lá: os ladrões põem-me duas albardas?

—Não sejam parvo.

—Pois se me põem apenas uma albarda, tanto me faz ser d'elles como de vossemecê.

Filosofia asinina, dir-se-ha, mas filosofica, em todo o caso.

MAGALA ESPERTO



O 179 vai levar um ramo de flores do seu capitão á noiva d'este.

—E' lindissimo, diz ela. Não quero que o teu capitão faça despezas tão grandes. . .

—Não faz mal, minha senhora. Desde que se soube que o meu capitão vai casar com V. Ex.^a temos credito em toda a parte.

CONFERENCIAS CIENTIFICAS

(Para uso dos alumnos dos liceus)

O corpo humano — As unhas

A' primeira vista as unhas são uma parte insignificante dos dedos, sem utilidade apreciavel; mas quem pensar maduramente ha-de adquirir opinião contraria, convencendo-se que nada existe superfluo na natureza, seja pessoa ou coisa.

Bastas vezes terão ouvido gritar nas praças de touros, *A' unha!* E' a indicação de que se deve pegar o touro, de modo que a unha é indispensavel para essa tão estúpida quanto lusedissima sorte.

Que é necessario para alguém se apoderar afincadamente seja do que fôr? Unhas e dentes; os dentes sem o auxilio das unhas não seriam suficientes para uma posse completa.

Não se diz do homem valente que tem dedos, mãos, braços, bofe, etc., mas sim que «tem unhas», assim como aquele que se agarra poderosa e definitivamente a qualquer coisa não diz está-me nos dedos, mas «está-me nas unhas»; emfim, é tal a importancia da unha em actos de apêgo, que aquele que não dá cinco réis a ninguém não é um dedão de fome, mas um «unhas de fome».

Indirectamente as unhas fomentam o commercio e a industria; assim, se não existissem é muito provavel que as escovas de unhas, os limpa-unhas e outros artefactos que servem para a sua limpeza, corte e polimento, se não fabricassem nem vendessem.

Faço justiça á intelligencia dos meus jovens ouvintes para lhes dizer, por exemplo, qual é a constituição das unhas, o seu numero em cada pessoa, a sua forma, etc. Deixemos isso e asserveremos mais uma vez que a unha é de tal modo notavel que n'alguns povos chega a ser indicio de nobresa; os chinezes deixam-as crescer á vontade e são tanto mais considerados pelos seus concidadãos, quanto mais compridas elles as tiverem. Entre nós não são objecto, por emquanto, de tanta veneração, nem a sua importancia está na razão directa do comprimento; ha, contudo, quem deixe crescer em demasia a do dedo meiminho, não por luxo mas pela conveniencia de com ella limpar os ouvidos, realisando d'esse modo um costume muito portuguez, qual é o de sujar uma coisa para limpar outra—eximios como são em tudo que é porcaria.

Tenho dito.

Bonaparte

(Aluno do liceu Camões).

Isto é descer?

O correspondente de Paris para um jornal da manhã diz que o poeta Guerra Junqueiro chegou a Berne e «desceu» no Hotel Larvais.

Aqueles suissos é que são praticos. Edificam os hotéis por baixo das estações do caminho de ferro, para os passageiros se não fatigarem.

Anda-nos com eles, querido Candido de Figueiredo!

EM FOCO



(Major-general Barnardiston, chefe da missão ingleza entre nós).

Ora pois, como passa vossoria?
A sandinha, bem? sem novidade?
A sua excellentissima metade?
Os pequenos e mais a companhia?

Quanto a nós, a não ser a carestia
Das coisas de maior necessidade,
Vamos andando, pobres, é verdade,
Mas sempre com muitissima alegria.

Com que então de visita á nossa terra
Para ver se era certa ou de laracha
A nossa entrada pessoalmente em guerra?

Que tal? tudo está prestes para a marcha.
Adeus. Pode ir dizer para Inglaterra
Que a coisa, d'esta vez, ou vae ou racha!

BELMIRO.

Kavalla

Uma das coisas que mais teem sofrido com o conflito europeu é a ortografia. E' curioso assistir á evolução d'algumas palavras estrangeiras, em jornaes portuguezes, desde o começo da guerra até agora. Assim começaram por escrever *Kavalla* e acabaram, depois de varias hesitações, por usar *Cavala*.

Parece-nos que ainda se não chegou á fórma definitiva. *Egua* é que é bom portuguez.

Interrogatorio

No escritorio do mavioso advogado e integerrimo poeta dr. Ansur:

- O seu estado?
- Solteiro.
- E desde quando.
- Desde que nasci.

Na alquilaria



— Sinto muito mas é preciso que pague adiantado o aluguer do animal e que além d'isso me dê uma fiança.

— Tem receto de que eu volte sem o cavallo?
— Não, tenho receto de que o cavallo volte sem o senhor.

Um como muitos

Conta-se uma piada muito bem achada, de um cavalheiro que é pau para toda a obra; poeta, dramaturgo, pintor, etc. etc.

Este cavalheiro tem um predio cheio das suas produções picturaes, coisa que dá para duas liquidacões no Grandela, á sexta feira, que é o dia dos retalhos.

Sendo visitado ha dias por um amigo, o homem impingiu-lhe logo o supplicio das pinturas. Lá d'essa não se livrava ele!

— Contempla este quadro—diz o dono da casa ao infeliz—e diz-me com franqueza a tua opinião.

— Oh menino, mas eu não entendo nada de pintura!

— Não faz mal: diz-me o que te parece o quadro.

— Parece-me uma obra prima.

— Vês, vês como entendes de pintura!

E ha tantos assim...

Liberdade

A *Capital*, sob o titulo: *E não ha liberdade religiosa?* tem publicado longas séries de noticias sobre romarias por esse paiz fóra: na Azambuja, em Proença-a-Nova, Leça da Palmeira, Guimarães, Elvas, Lamego, Fozcõa, Portalegre, Mortagua, etc., etc.

Desculpe do colega, mas isso não é liberdade de religião: é liberdade de pagode.

Mentira

O kronprinz recebeu de seu digno pai, o nosso particular inimigo imperador Guilherme, as «folhas de carvalho» que se concedem ao merito, em vista das operações dirigidas pelo imperial rebento, durante os ataques a Verdun.

Isto vem nos jornaes e isto fingem acreditar os germanofilos, mas a verdade é muito outra. O que o kaiser deu ao principe não foram «folhas de carvalho», mas com uma vara de carvalho, por não ter á mão uma de mar-meleiro. Assim é que está certo.

Varões illustres

Em Vizeu foram inaugurados na galeria da camara municipal 24 retratos de varões illustres. Assim lemos nas folhas, onde vinha a relação dos ditos varões.

Lemo-la alvoroçadamente, á cata do nome do nosso Antonio Cabreira, que tambem é varão efetivo e não sabemos se perpetuo. Mas não estava lá.

Mais uma vez se verifica a ingratição dos homens.

Vizeu, nunca mais se limpa de tal mancha!

NO COMBOIO

Marques lê um romance muito escabroso, quando entra uma senhora na mesma carruagem.

— Diga-me, minha senhora, incomoda-a que eu teia para mim um capitulo um nadinha fresco?

o MANECAS e o POLICIA



1. — Maneca para o Quim: Esta lata de conservas vae fazer o diabo.



2. Manecas e o Quim: Espera aí que vae ver uma bruxa.



3. —



4. —



5. —



6. —

??!

(Continua no proximo numero).